

**APRESENTAÇÃO DO VOL.1, Nº1, 2025 - REVISTA AXÉUNILAB**

**Abias Alberto Catito**

Universidade Estadual Feira de Santana – Brasil

Universidade Metodista de Angola - Angola

**Maurício Bernardo**

Universidade Estadual Feira de Santana – Brasil

Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique

---

**RESUMO:** A revista AXÉUNILAB, periódico científico do Mestrado em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África, lança a sua primeira publicação com vista a socializar estudos produzidos nas diversas áreas do saber, mas com maior enfase na Linguística, Literatura e Educação. Para esta edição inaugural, a revista publica 20 artigos de Linguística. As publicações científicas objetivam divulgar a pesquisa para a comunidade, de forma que permita que outros possam utilizá-la e avaliá-la sob outras visões. As revistas, eletrônicas ou impressas, ainda são consideradas como o modo mais rápido e economicamente viável, para os pesquisadores fazerem circular e tornar visíveis os resultados do seu trabalho (Brofman, 2012). Desta forma, nos propomos a organizar o presente volume incentivando leitores para que tornem futuros autores, pois os trabalhos desenvolvidos nas universidades devem ser conhecidos além dos muros das universidades. A Revista AXÉUNILAB recebe artigos em fluxo contínuo.

**PALAVRAS-CHAVE**

Publicação. Artigos. Conhecimento. Linguística.

**ABSTRACT**

The AXÉUNILAB Journal, a scientific periodic of the Master's Degree in Language Studies: Lusophone Contexts in Brazil and Africa, is launching its first publication with the aim of sharing studies produced in various areas of knowledge, but with a greater emphasis on Linguistics, Literature and Education. For this inaugural issue, the journal is publishing articles on Linguistics. Scientific publications aim to disseminate research to the community, so that others can use it and evaluate it from other perspectives. Journals, whether electronic or printed, are still considered the fastest and most economically viable way for researchers to circulate and make visible the results of their work (Brofman, 2012). In this way, we propose to organize this volume by encouraging readers to become future authors, since the work developed at universities must be known beyond the university walls. The AXÉUNILAB Journal receives articles in a continuous flow.

**KEYWORDS**

Publication. Articles. Knowledge. Linguistics.

---

A língua, como código, é um fenômeno que se manifesta de maneiras diferentes e com usos diversificados. A análise das suas diversas formas de manifestação e de uso não só contribui para a compreensão da sua gramática, como também colabora na percepção da essência do uso de cada uma das suas formas no contexto onde tiver sido empregue.

Por isso, vários têm sido os esforços que empreendem para a análise dos fenômenos da língua e do seu uso. Exemplos de alguns desses esforços podem ser testemunhados nesta primeira publicação da Revista AXÉUNILAB, onde desfilam 20 artigos de estudos das línguas em diversas perspectivas de análise, desde a componente estrutural, de uso sociocultural e até com o propósito de ensino e aprendizagem.

O leitor poderá encontrar nesta publicação uma descrição apaixonante de línguas que permite registrar os avanços dos estudos linguísticos no Brasil e na África lusófona. Esta louvável intenção deve continuar, deve ser incentivada porque muitas línguas africanas, indígenas brasileiras e timorenses ainda não foram descritas, algumas delas ainda não possuem dicionários, nem gramáticas impressas. A descrição é o primeiro passo para que as línguas autóctones sejam registradas, estudadas e ensinadas para que elas sejam revitalizadas evitando a extinção em curto ou médio prazo.

Uma língua natural se articula na e para a sociedade. São os membros da comunidade de fala que a tornam dinâmica e mutável. A língua é viva e varia à medida que seus falantes se movimentam nesse sentido. A variação está prevista no sistema linguístico. Por isso, as descrições apresentadas têm como fonte, uma variedade bem específica. A escrita dos textos respeita as variedades de português de cada autor e isso deve ser respeitado, pois não existe variedade superior a outra. Qualquer uma das variedades (dialetos) do português foi aceite nesta publicação, para que não se possa incorrer em preconceito linguístico.

A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996) no Artigo 9º determina que “Todas as comunidades linguísticas têm direito a codificar, estandardizar, preservar, desenvolver e promover o seu sistema linguístico, sem interferências induzidas ou forçadas”, por isso é importante e encorajado este tipo de exercício para que as línguas locais sejam preservadas e revitalizadas. Nos países africanos de língua portuguesa circulam mais de cinquenta línguas, todas não oficiais, todas sem o ensino formal e muito menos sem políticas linguísticas com vista a sua manutenção e preservação.

Assim, o primeiro artigo desta publicação é uma pesquisa da autoria de António Pedro Frederico. Este estudo, atrelando-se à teoria de Princípios e Parâmetros (P&P) de Chomsky (1986), analisa os constituintes de frases simples em Emakhuwa, uma língua do grupo Bantu codificada como P31, segundo a classificação de Guthrie (1967-71), pretendendo, através dos métodos introspectivo e filológico, descrever a ordem e a ocorrência dos constituintes da frase e, em seguida, apontar a sua ordem canónica.

O estudo “etimologia da palavra Citewe (Ciwutee) como nome de língua”, de Joaquim João Razão e de Esmail Inoque António Dima Manuel, é o segundo artigo da presente publicação. Baseando-se em abordagens sócio-antropo-históricas e nos métodos filológico e de introversão, esta pesquisa procura apresentar e descrever alguns *modus vivendi* dos

membros de uma comunidade linguística, cujas práticas culturais provavelmente terão determinado na designação da sua língua.

O terceiro artigo tem como título a “Violação de marcas conversacionais em Ximakonde” da autoria de Valentim David Lionga. A pesquisa analisa os comportamentos linguísticos dos falantes do Ximakonde em relação às máximas conversacionais de quantidade, qualidade, relevância e modo. Da pesquisa conclui-se que os dados revelam comportamentos linguísticos que violam, com frequência, as máximas de cooperação propostas por Grice (1975, 1982). Assim, entender e aplicar essas máximas não apenas melhora a qualidade da comunicação, mas também promove um ambiente de interacção mais eficaz e satisfatório para todos os participantes.

O quarto artigo tem como título “Arbitrariedade ortográfica em Xichangana”, da autoria de Francisco Bernardo Mazivile. Xichangana é uma língua bantu falada na região Sul de Moçambique, mas também na África do Sul, Eswathine e Zimbabwe. Este estudo, com base na documentação directa por via da observação e captação de cenários de interação interpessoal, e ainda por via da fotografia, explora as práticas de escrita da língua changana em algumas paisagens linguísticas registadas nas cidades de Maputo e Matola com o propósito de interpretar a sua manipulação, transgressão voluntária ou involuntária da sua normatividade e, em seguida, apresentar recomendações linguístico-pedagógicas e desenvolvimentistas da língua em análise.

O quinto estudo, de Sabino Sangombe Marcolino, aborda sobre a possibilidade do contacto linguístico em Angola constituir como uma evidência de empobrecimento lexical das línguas angolanas. Com base na revisão bibliográfica e na interpretação dos dados recolhidos no campo, o autor pretende avaliar as atitudes, a consciência e o desempenho linguístico dos falantes do Umbundu falado na Província do Huambo, num contexto de coabitação com o português e, assim, despertar a atenção de pesquisadores e falantes nativos de línguas angolanas sobre a necessidade de se olhar com algumas reservas para uso exagerado de empréstimos lexicais do português para as línguas angolanas.

O estudo sobre a variação diatópica entre o Enahara falado no distrito de Nacala – Província de Nampula e o Emeetto falado em Montepuez – Província de Cabo Delgado, de Américo da Costa Uacate, constitui a sexta pesquisa da presente publicação. Nela, o autor procura explorar as diferenças linguísticas, em termos fonológicos, gramaticais e lexicais entre as duas variantes de Emakhuwa faladas nas duas regiões de Moçambique, examinando como elas variam, refletindo a influência das particularidades geográficas e culturais das suas áreas.

O sétimo artigo desta publicação é de José Baptista Adriano Victorino. Com o título “As marcas de angolanismos lexicais na variedade angolana: análise de *corpus*”, o autor discorre sobre as marcas de angolanismos no português identificadas nos textos de jornais *online* da imprensa angolana e em obras de Boaventura Cardoso, com o objetivo de descrever os angolanismos mais usados no português da variante angolana.

A análise sobre a “Importância da prática das línguas angolanas nos serviços públicos”, de Estêvão Domingos Ludi, constitui o oitavo estudo desta publicação. Este artigo procura

refletir sobre a importância da prática das línguas angolanas nos serviços públicos com o intuito de fazer perceber que a língua é um instrumento que as sociedades utilizam não só para transmitir informações, como também para manifestar a sua cultura e, por isso, o seu estatuto social é apenas consequência de políticas que o Estado adopta.

O nono artigo desta publicação, de Domingos Njamba Yeta, versa sobre a identidade etnolinguística de um povo por meio da língua Nganguela. É um estudo que manifesta a necessidade de distinguir as línguas que constituem o grupo étnico linguístico Nganguela, descrevendo o quadro atual das línguas que corporizam este grupo étnico linguístico. É urgente investir nos estudos linguísticos das línguas nativas, visto que muitas delas estão desaparecendo não porque as pessoas preferem falar português, mas sim, pela falta da valorização das mesmas. Por isso, é necessário que o governo crie políticas que promovam estas línguas e que se façam estudos adequados que visam descrever as línguas na sua plenitude, sem limitações que possam destorcer a verdadeira realidade.

A Guiné-Bissau é um país que, linguisticamente, tem a presença de dezenas de línguas e culturas distintas utilizadas no dia-a-dia. Os estudos realizados sobre o cenário linguístico do país estimam que o território guineense agrega mais de 20 línguas, entre elas, as consideradas endógenas e as designadas étnicas. O décimo artigo da presente publicação é da autoria de Velamina Fernando Paulo e Gislene Lima Carvalho. O seu estudo, intitulado “Políticas linguísticas em Guiné-Bissau e o impacto para as línguas étnicas”, procura analisar o possível impacto que a falta de uma política linguística definida no país exerce sobre as línguas locais e a sua manutenção.

O décimo primeiro texto desta publicação traz a abordagem sobre “Shonenglish: duas línguas, dois povos, uma realidade moçambicana”. Neste texto, António Companhia aborda a questão do Shonenglish no ensino Bilíngue, na província de Manica, em Moçambique. Shonenglish é uma variante do Shona falado em algumas regiões de Moçambique (em situações de contacto), principalmente na província de Manica, que faz fronteira com o Zimbábue. No contexto moçambicano, a sua influência é notável através da mistura de palavras e expressões do inglês com as línguas locais.

A pesquisa sobre a “Importância do ensino e aprendizagem das línguas bantu”, décimo segundo artigo, de Marcelino dos Santos Guilherme, baseando-se na análise documental de políticas linguísticas e do método de entrevista, avalia a importância do uso de línguas moçambicanas do grupo bantu nas classes iniciais e seus desafios. Nela conclui-se que a valorização das línguas bantu no ensino não é apenas viável, mas necessária para garantir uma educação mais inclusiva, eficaz e alinhada com o contexto sociolinguístico do país. As línguas moçambicanas não devem ser vistas como obstáculos à aprendizagem do português, mas sim como aliadas no processo de ensino, servindo como pontes entre o conhecimento local e o conhecimento formal.

Uma abordagem interessante sobre o “Ensino da ortografia da língua portuguesa e os desafios da implementação do Novo Acordo Ortográfico em Moçambique: uma questão paradigmática da escrita do Português”, é o décimo terceiro artigo da presente publicação, da

autoria de Bonete Júlio João Chaba. Este estudo aponta as causas e os meios que concorrem para o uso arbitrário do Antigo e do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa pelos alunos no contexto de ensino-aprendizagem em Moçambique, e propõe as condições que podem minimizar tal paradoxo.

Os autores Gabriel Antunes de Araújo e Carcídio Armando Sendela contribuiram com o texto “A Fonologia e morfologia do Xifanakalo, uma língua também falada nas minas da África do Sul”. A partir de um *corpus* composto por 254 itens lexicais colectados em Moçambique, com informantes ex-emigrantes sul-africanos, com recurso à elicitação e à literatura, estes autores discutem o sistema consonantal, vocálico, silábico e o processo da formação do plural dos substantivos.

Na sequência, o artigo décimo quinto, “O papel das Línguas Autóctones no Ensino do Português na Guiné-Bissau”, de Alfa dos Santos Siolm e José Guimarães, tem como objetivo analisar e evidenciar a importância das línguas autóctones no contexto educacional guineense, especialmente no ensino do português. A inclusão das línguas autóctones no ensino do português na Guiné-Bissau vai desempenhar um papel fundamental na promoção da diversidade linguística, cultural e educacional. A preservação das línguas autóctones nas regiões interiores torna-se uma resistência consciente à assimilação cultural e linguística que muitas vezes acompanha o avanço da globalização.

O interessante estudo sobre “Provérbios como expressões populares na educação cultural da nova geração a nível do distrito de Montepuez” de Cossa Chafim é o décimo sexto artigo. Com base no método filológico, o autor examina os pensamentos filosóficos emanados nas expressões populares da língua makhuwa falada no Distrito de Montepuez, suas modificações no tempo e seu contributo para a educação cultural e manutenção da memória coletiva da sua comunidade linguística. Os provérbios são textos ou oralidades bastante valiosas que podem sintetizar grandes e longos discursos e de poucas palavras. Portanto, são um importante recurso a ser trabalhado entre os jovens e outras gerações.

Numa perspectiva de ensino, o trabalho “A variação linguística e a presença dos PALOP nos livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio brasileiro”, o décimo sétimo artigo desta publicação, de Felismina Lopes Imbiri visou selecionar um conjunto de livros didáticos de língua portuguesa utilizados nas três séries do Ensino Médio, para poder apontar como se fazem presentes os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa nestas obras. A presença da variação linguística nos livros didáticos ainda não contempla satisfatoriamente todas as possibilidades de discussão desta temática, muito mais considerando a variação diatópica, em que temos um grande potencial de discussão das variedades africanas de português e que são faladas fora do eixo Brasil-Portugal.

O estudo sobre a “Estrutura do verbo em Ximakonde” de Vicente Manuel Ndalipa é o décimo oitavo artigo, que foi elaborado com base em revisão de literatura e análise de dados. Na pesquisa, o autor procura demonstrar como se organizam os elementos internos do verbo na língua makonde tanto na forma afirmativa como na forma negativa, pretendendo não só aprofundar a compreensão da gramática da língua em análise, mas também contribuir para

estudos comparativos no contexto das línguas bantu.

O décimo nono artigo, “A análise da marca do tempo e de aspecto em Ximakonde” de Lucas Américo, procura identificar as marcas que indicam o tempo e o aspecto na língua makonde, bem como descreve a ordem de ocorrência dessas marcas na estrutura do verbo na língua em análise, pretendendo compreender a estruturação temporal e aspectual na língua makonde, assim como o funcionamento da gramática da mesma.

Por último, o vigésimo artigo pesquisa sobre a “Morfosemântica das classes nominais 1 e 2 em contraste com as classes 9 e 10” na língua Makonde, de Eduardo Moisés. Este estudo procura examinar os constituintes morfológicos e a semântica dos nomes tanto pertencentes às classes 1 e 2, bem como os alocados às classes 9 e 10 na língua makonde. Ele evidencia o impacto da evolução linguística e do contacto com outras línguas bantu e o português.

A presente publicação é composta por vinte artigos escritos em língua portuguesa, de pesquisadores brasileiros, angolanos, moçambicanos e guineenses. Os autores são responsáveis pelas ideias debatidas e defendidas nos trabalhos. A Revista AXÉUNILAB é de acesso gratuito e disponível no sistema pelo link: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/riell>

Para facilitar a citação em pesquisas, colocamos em cada artigo as formas de apresentação das referências de acordo com a ABNT. A todos os leitores desejamos uma boa leitura e pedimos para que compartilhem os artigos com outros interessados. Boa leitura!

### **Editores/Organizadores**

**Abias Alberto Catito** é Docente na Universidade Metodista de Angola, Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, possui mestrado em Língua Portuguesa e Literaturas em Língua Portuguesa pela Universidade Agostinho Neto. É Licenciado pelo Instituto Superior de Ciências de Educação, Bacharel em Filosofia pelo Seminário Maior de Filosofia de Benguela. É ainda doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Feira de Santana.



**Maurício Bernardo**, Licenciado e Mestre em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual de Feira de Santana – Brasil, é Docente na Universidade Eduardo Mondlane, onde leciona, como Regente, as disciplinas de Fonética, Fonologia, Linguística Teórico-Descriptiva das Línguas Bantu I e II e Linguística Teórico-Descriptiva do Português I e II.

